

Esquinas da cidade. Um valor para a sustentabilidade urbana.

Corners of the city. A worth for urban sustainability.

Esquinas de la ciudad. Un valor para la sostenibilidad urbana.

Danielle Maranhão de Castro

Mestranda em Arquitetura Urbanismo e Design, UFC, Brasil
daniellemaranhao.arq@gmail.com

José Almir Farias

Professor Doutor, UFC, Brasil
josealmirfarias@gmail.com

RESUMO

A interseção entre pessoas e construções, movimentos e energias, é a razão e a força do espaço urbano. Em geral, isso costuma acontecer com maior intensidade nos cruzamentos de vias, especialmente nas esquinas, locais que dão densidade a uma rede de fluxos e relações. Este trabalho tem por objetivo principal reconhecer a importância das esquinas como espaço público estratégico para a sustentabilidade urbana. Em tal perspectiva, admite-se a hipótese de que a esquina pode ser interpretada como um microecossistema com capacidade de contribuir (pela soma de sua rede) significativamente para o metabolismo urbano. Com base no estudo de caso de um setor da cidade de Fortaleza-Ce, busca-se aqui uma análise preliminar e a adoção de um método de investigação que possibilite compreender seu papel e desempenho na estrutura da cidade. Neste entendimento, forma e ambiência de uma esquina resultam não apenas de fatores socioeconômicos, políticos e culturais, mas são influenciadas por concepções estéticas e ideológicas. Cada esquina guarda em si a imagem de uma área inteira, tornando-se ao mesmo tempo um local com valor de uso e valor de troca social.

PALAVRAS-CHAVE: Esquinas - tipologia. Morfologia urbana. Ambiente urbano. Sustentabilidade urbana.

ABSTRACT

The intersection between people and buildings, movements and energies, is the reason and the strength of the urban space. In general, this tends to happen with greater intensity in the intersections of roads, especially in the urban corners, places that give density to a network of flows and relations. The main objective of this work is to recognize the importance of urban corners as a strategic public space for urban sustainability. In this perspective, the hypothesis is accepted that the corner can be interpreted as a micro-system with the capacity to contribute (by the sum of its network) significantly for the urban metabolism. Based on the case study of a sector of the city of Fortaleza-Brazil, a preliminary analysis and the adoption of a research method that allows understanding its role and performance in the city structure is sought. In this understanding, the shape and ambience of a corner result not only from socioeconomic, political and cultural factors, but are influenced by aesthetic and ideological conceptions. Each corner holds the image of an entire area, making it both a place of use value and social exchange value.

KEY WORDS: Urban corners - typology. Urban morphology. Urban environment. Urban sustainability.

RESUMEN

La intersección entre personas y construcciones, movimientos y energías, es la razón y la fuerza del espacio urbano. En general, esto suele ocurrir con mayor intensidad en los cruces de vías, especialmente en las esquinas, locales que dan densidad a una red de flujos y relaciones. Este trabajo tiene como objetivo principal reconocer la importancia de las esquinas como espacio público estratégico para la sustentabilidad urbana. Siendo así, se admite la hipótesis de que la esquina puede ser interpretada como un microecossistema con capacidad de contribuir (por la suma de su red) significativamente para el metabolismo urbano. Con base en el estudio de caso de un sector de la ciudad de Fortaleza-Brasil, se busca aquí un análisis preliminar y la adopción de un método de investigación que posibilite comprender su papel y desempeño en la estructura de la ciudad. En este entendimiento, forma y ambiente de una esquina resultan no sólo de factores socioeconómicos, políticos y culturales, pero son influenciados por concepciones estéticas e ideológicas. Cada esquina guarda en sí la imagen de un área entera, convirtiéndose al mismo tiempo en un lugar con valor de uso y valor de cambio social.

PALABRAS CLAVE: Esquinas - tipología. Morfología urbana. Medio ambiente urbano. Sostenibilidad urbana.

INTRODUÇÃO

Há mais de um século, praças e ruas têm sido os modelos de espaços públicos mais debatidos, planejados e comparados em relação ao desejo de qualidade urbana. Subjacente a essa ideia encontra-se a hipótese da civilidade pacífica e da urbanidade institucional. A praça, como um lugar comemorativo e simbólico, e a rua, como lugar da liberdade do ir e vir, são imagens que evocam a ideia de um espaço público oferecendo identidade e organização.

Mas a cidade, um sistema complexo em constante transformação, é também o lugar da diferença e do atrito, do acordo forçado ou fortuito, da tensão permanente e do conflito. A interseção entre pessoas e construções, movimentos e energias, é a razão e a força do espaço urbano. Em geral, isso costuma acontecer com maior intensidade nos cruzamentos de vias, especialmente nas esquinas, locais que dão densidade a uma rede de fluxos e relações, pois funcionam como ponto de convergência e de fuga, como ponto de sobreposição de intuições antagônicas (SOLÀ-MORALES, 2004).

Em todas as formas urbanas, o traçado de como as ruas se cruzam gerando encruzilhadas é uma característica fundamental para a imagem da cidade. O tecido urbano, afinal, precisa ser um arranjo flexível e dinâmico. A diversidade de usos, edifícios e pessoas que se encontram aglutinados nas esquinas gera inovação e estímulo. A esquina é, portanto, uma metáfora para a cidade, na medida em que se constitui como um suporte da diversidade e, por extensão da sustentabilidade intraurbana. Talvez seja por isso que, quando ausente, sentimos sua falta. Se fôssemos ver a cidade contemporânea apenas como um campo virtual de fluxos e sistemas, de relações econômicas visíveis e relações sociais ocultas, perderíamos todo esse potencial das esquinas.

Esta constatação conduz o objetivo principal deste trabalho, qual seja, reconhecer a importância das esquinas como espaço público estratégico para a sustentabilidade urbana. Em tal perspectiva, admite-se a hipótese de que a esquina pode ser interpretada como um microecossistema com capacidade de contribuir (pela soma da sua rede) significativamente para o metabolismo urbano¹. Aceitar essa premissa exige a adoção de um método de investigação que possibilite compreender seu papel e desempenho na estrutura da cidade.

Considerando que os estudos sobre a esquina urbana ainda são incipientes no cenário brasileiro, propõe-se aqui uma análise preliminar de reconhecimento de suas características formais e ambientais com base no estudo de caso de um setor da cidade de Fortaleza-Ce. Neste entendimento, forma e ambiência de uma esquina resultam não apenas de fatores

¹ O Metabolismo Urbano é um conceito-chave na disciplina de ecologia urbana que compara os fluxos de energia e materiais dentro e fora das cidades e a transformação e acumulação de energia e materiais dentro das cidades. A caracterização destes fluxos e as relações entre as atividades urbanas antrópicas e os processos e ciclos naturais definem a evolução da produção e do consumo urbano (FERNÁNDEZ, 2014).

socioeconômicos, políticos e culturais, mas são influenciadas por concepções estéticas e ideológicas. Cada esquina guarda em si a imagem de uma área inteira, tornando-se ao mesmo tempo um local com valor de uso e valor de troca social. Os registros desta investigação encontram-se estruturados nas seções do artigo que se seguem.

BREVE APONTAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO

De início, faz-se necessário constatar que o tema da esquina chama a atenção para a complexidade e a heterogeneidade da sociedade urbana contemporânea e também para a importância de se mobilizar diferentes tradições de trabalho e pesquisa. Está-se diante de um objeto que enfatiza a utilidade do cruzamento de limites e fronteiras interdisciplinares. De fato, a esquina é questão presente não apenas no Planejamento Urbano, no Design e nas Ciências Sociais (como Sociologia e Antropologia), mas também na Literatura, Filosofia, História e Artes em geral.

Apenas para exemplificar, as esquinas marcam alguns estudos memoráveis de antropologia visual e de sociologia urbana. Análises antropológicas buscam apreender as esquinas através do registro sonoro e visual de microeventos que reúnem coreografias singulares e condensam situações dramáticas (FERRAZ e MENDONÇA, 2014). A esquina é, portanto, o espaço condensador para a compreensão da ação de grupos sociais, referência que permitiu ao sociólogo americano William Foote-White elaborar as reconhecidas metodologia e prática de pesquisa sobre culturas organizacionais (WHITE, 2005).

Nas áreas de interesse específico deste artigo – o planejamento e o projeto urbanos –, as esquinas representam um espaço e uma escala componente da funcionalidade da cidade. Por esta razão, Lynch (2011) afirma que a esquina é um lugar de conexões, um ponto nodal vivo no qual giram fluxos e caminhos; é um lugar de parada, mas não necessariamente de permanência, podendo funcionar como um local de concentração e, ao mesmo tempo, de dispersão das pessoas, por proporcionar escolhas de percursos.

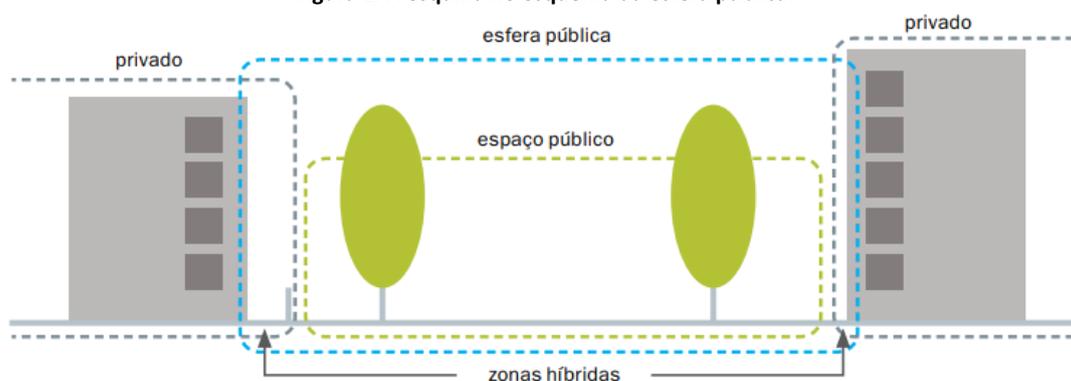
Nos catálogos de intervenções urbanas, as esquinas aparecem como repositório protagonista de soluções de mobilidade e acessibilidade, de conforto ambiental e de mobiliário urbano. Do ponto de vista da produção econômica do espaço, elas geram uma riqueza de significados, mas também pressões e oportunidades de apropriação. Isso porque a justaposição de diferentes eixos virtuais em um ponto material faz da esquina um lugar de valor fundiário e imobiliário.

Dentre as ferramentas teórico-metodológicas disponíveis para o estudo das esquinas, adota-se aqui o conceito de ambiência urbana aliado às técnicas de morfologia urbana. A ambiência urbana (*Urban Ambience*), que pode ser relacionada com a Ecologia Urbana, corresponde às qualidades físicas e psicológicas reconhecidas pelas pessoas num determinado espaço urbano (OSMOND, 2005). A morfologia urbana tem por objeto a análise da forma urbana e dos atores e processos responsáveis pela sua transformação (ROSSI, 1995; LAMAS, 1992). Esses dois pilares

teórico-metodológicos possuem a habilidade de detectar o sistema de sinais estruturais que permitam ler e compreender o organismo urbano na escala da esquina.

Seguindo os ensinamentos da escola italiana² de morfologia urbana – que absorve melhor a articulação entre arquitetura e o contexto dos vazios –, o entorno imediato de uma esquina abarca não apenas o espaço público (passeios e vias) que lhe fornece a base ao nível do solo, mas também as fachadas das edificações que lhe dão enquadramento. Uma esquina pode, então, ser caracterizada por uma determinada ambiência urbana com conteúdo social, princípio econômico e funcionalidade próprios.

Figura 1: A esquina no esquema da esfera pública.



Fonte: KARSSENBERG E LAVERN, 2015.

Dito de outro modo, é possível interpretar a ambiência urbana de uma esquina como sendo composta pelos elementos presentes no seu entorno imediato, ou mais especificamente, no espaço da “esfera pública”, conforme sinalizam Karssenber e Lavern (2015) em sua proposta para discutir a conexão entre espaços públicos e privados (ver figura 1). Neste recorte, o ambiente de uma esquina pode ser apreendido pelo *plinth* (ver figura 2), isto é, a área correspondente à perspectiva da experiência sensorial humana no espaço ao nível dos olhos, no qual o andar térreo das construções situadas em esquina tem função ativa para a segurança e conforto dos usuários (KARSSENBERG e LAVERN, 2015).

Complementarmente, a morfologia urbana permite detectar os elementos compositivos da esquina: angulações de canto; largura e tratamento dos passeios; largura e tratamento das vias; altura, tipo, recuos, cor de fachada dos edifícios que definem seu perfil; presença de arborização; mobiliário urbano; e as inúmeras variantes de uso e apropriação. O resultado formal que se vê em uma unidade ou em agrupamento de esquinas decorre de ações no tempo

² Duas escolas de estudos de morfologia urbana se destacam nas pesquisas mais recentes: a escola inglesa com sua abordagem histórico-geográfica (MRG Conzen); e a escola italiana de abordagem tipológica projetual (S. Muratori). Sobre a escola italiana, ver Marzot (2002).

(por acordos formais ou involuntários) que podem redundar em um lugar exemplar ou sem qualidades para a vida na escala humana nas cidades.

Figura 2: Elementos componentes do ambiente (plinth) de uma esquina urbana.



Fonte: Esquema sobre imagem do Google Earth (maio de 2019).

Desse modo, o esquema morfo-ambiental de uma esquina encontra-se relacionado à manifestação da experiência histórica da forma urbana que oferece os fundamentos para a definição de padrões que se manifestam em um patrimônio de paisagens com conteúdos e significados distintos. Repensar o ambiente ou o *plinth* de uma esquina é, portanto, refletir sobre a qualidade de vida na cidade perante as atuais condições de crise global e local (MASCARÓ e MASCARÓ, 2009).

PADRÕES TIPOLOGICOS DE ESQUINAS NO PLANO ORTOGONAL DA CIDADE DE FORTALEZA

A cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, conta atualmente 2.643.247 habitantes (IBGE, 2018), alcançando a maior densidade demográfica (8.390,76 hab./km²) entre as capitais do país³. Trata-se de uma cidade que apresenta indicadores sociais extremos. A exemplo da realidade vivenciada em outras metrópoles do país, seu crescimento urbano também foi marcado pela seletividade e exclusão. À desigualdade social soma-se a desigualdade ambiental que abrange desde a exposição a riscos naturais, a degradação da qualidade de vida, a privação

³ É a maior cidade do Ceará em população e a quinta do Brasil. A Região Metropolitana de Fortaleza é a sexta mais populosa do Brasil e a primeira do Norte e Nordeste, com 4.051.744 habitantes em 2017 (IBGE, 2018).

relativa de certos bens e serviços comuns, indo até à restrição de acesso aos recursos vitais. Trata-se, portanto, de um espaço que ilustra exemplarmente a teoria de desenvolvimento desigual e combinado, proposta por León Trotsky (LÖWY, 1995).

Fortaleza ganhou forma efetivamente nas últimas décadas no séc. XIX, quando o engenheiro pernambucano Adolfo Herbster consolidou um desenho de traçado que se tornaria um *modus operandi* para a expansão física programada da cidade. Herbster concebeu um plano de arruamento (de traçado ortogonal simples) que delimita as dimensões dos quarteirões e os associa a um sistema de divisão fundiária caracterizado, num primeiro momento, por lotes profundos e estreitos, de herança colonial portuguesa, gerando uma tipologia de habitação agregada em casario contínuo e de pavimento térreo (ver figura 3).

Figura 3: Consolidação do plano ortogonal na Cidade de Fortaleza.

À esquerda, plano de traçado de A. Herbster (1888). À direita, planta cadastral da cidade (1932).



Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza.

Nenhum plano ou traçado de cidade produz mais esquinas que o plano ortogonal, também conhecido como grelha, quadrícula, trama reticular, tabuleiro, plano em xadrez ou plano hipodâmico. Todos estes termos servem para designar as linhas cruzadas que remetem a uma forma elementar de fazer ruas e edifícios no interior desses limites, dando origem a um dos mais antigos traçados urbanos. É um tipo de organização de cidade na qual as ruas são retas e se cruzam, geralmente em ângulos retos, criando ilhas de forma quadrada ou retangular.

Assim, é possível afirmar que as esquinas mais presentes em Fortaleza decorrem, em sua maioria, do traçado de plano ortogonal que será aceito, principalmente, por sua potência de difusão (ver figura 3), já que possui grande maleabilidade no uso e ocupação do solo. A regra diretriz é manter uma constância da esquadria; podendo-se levar a termo reconstruções no interior de cada quarteirão, independente uns dos outros, sem modificar a base geométrica. Essa morfologia do traçado ortogonal tem como características: organização racional do espaço, extensão ilimitada, ausência de centralidade, simplicidade, igualdade (FARIAS, 2010).

ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS ALCANÇADOS

Na impossibilidade técnica de se examinar todas as esquinas desta metrópole, delimitou-se como área de estudo morfo-ambiental um recorte espacial: o bairro do Meireles, considerado um dos mais nobres e tradicionais, com o maior IDH da cidade (0.9531), de acordo com os dados fornecidos pelo Plano Fortaleza 2040⁴. Cabe ressaltar que a pesquisa em andamento não se restringe a este bairro; seu objetivo é desenvolver uma análise mais ampla com bairros de diferentes indicadores socioeconômicos e localização.

Figura 4: O bairro do Meireles em Fortaleza.

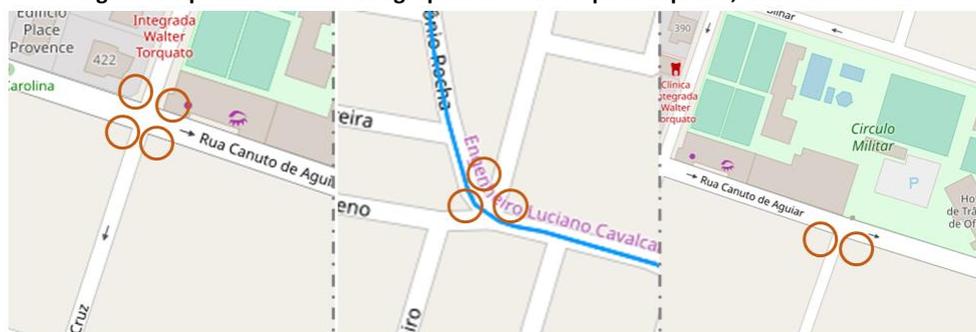


Fonte: Google Maps 2019.

O exame do bairro do Meireles serve ao propósito de se verificar as possíveis variações de padrões tipológicos de esquinas em plano ortogonal, embora à primeira vista pareça que a regularidade do traçado forçaria uma reprodução homogênea. Em uma leitura inicial, considerou-se como padrão de base de esquinas aquele formado pelo seguimento da malha urbana proposta por Herbster, daí decorrendo os tipos variantes que, por motivos específicos, se diferenciam mais do traçado ortogonal. Observou-se, em seguida, que o plano ortogonal gera poucas variações de agrupamentos de esquinas, com predomínio de quatro esquinas e menor presença de três e duas esquinas (ver figura 5).

⁴ Disponível em: <http://mapas.fortaleza.ce.gov.br/#/fortaleza2040>. Acesso em: 03 maio 2019.

Figura 5: Tipos recorrentes de agrupamentos de esquinas: quatro, três e duas faces.



Fonte: Mapa do Google Earth, adaptado pelos autores (maio de 2019).

Para realizar a coleta dos dados empíricos utilizou-se as ferramentas do *Google Street View* e do *Google Earth*. Primeiramente, enumerou-se cada uma das 192 esquinas do bairro, distinguindo-as, em seguida, por cores de acordo com o uso e ocupação do solo. Essa caracterização permitiu a geração de grupos de elementos comuns presentes em cada uma, de forma a identificar os principais tipos. Como contraponto analítico das esquinas tradicionais do Meireles, escolheu-se referenciar um recorte espacial relativo ao assentamento precário do Campo do América⁵, de modo a contemplar a parte desta ZEIS localizada no Meireles. Com esta observação de contraste, espera-se identificar a variação tipológica decorrente de situações socioeconômicas distintas (ver figura 6).

Figura 6: Recorte espacial de análise do bairro e mapeamento de uso e ocupação do solo nas esquinas.

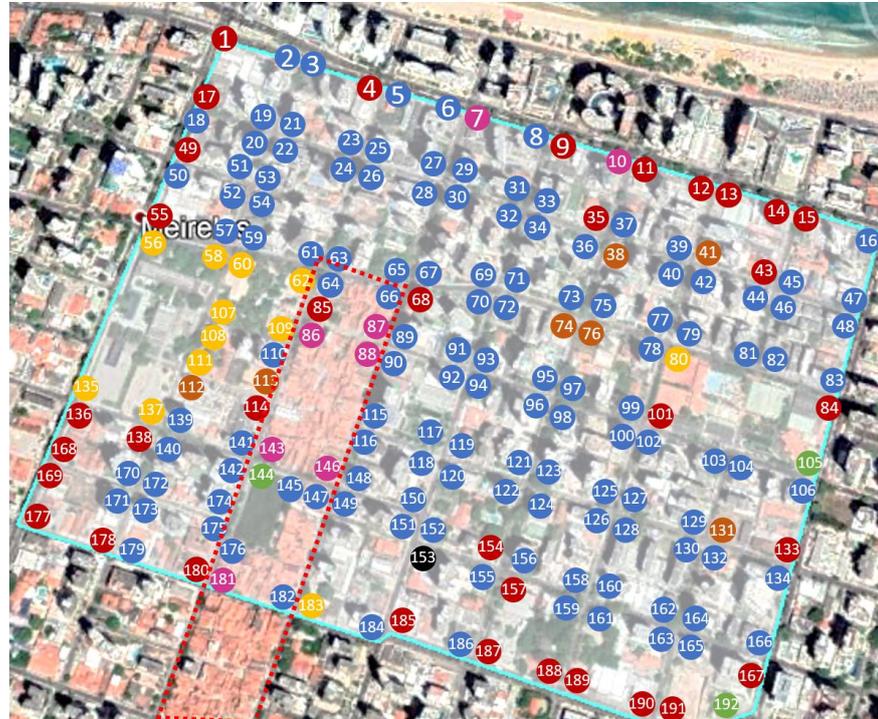
⁵ O assentamento Campo do América possui 66.254 m², 2.603 hab. e 581 imóveis, de acordo com os dados do Atlas dos Assentamentos Precários de Fortaleza, fornecido pelo Instituto de Planejamento de Fortaleza – IPLANFOR, da Prefeitura Municipal de Fortaleza (2016).



Meireles

LEGENDA

- Comercial
- Institucional
- Uso misto
- Residencial
- Vazio/Não edificado
- Lazer
- Escola
- Limite área de análise
- - - Limite da ZEIS



Fonte: Mapa do Google Earth adaptado pelos autores (maio de 2019).

Para compreender as diferenças físicas e funcionais dos componentes morfológicos (fachadas, passeios e vias) foram analisadas 98 esquinas do bairro Meireles e 14 esquinas da área de ZEIS do Campo do América, resultando em um total de 112 esquinas estudadas. O procedimento metodológico adotado foi concebido a partir da identificação de atributos para a definição de padrões tipológicos contextualizados no *plinth* de cada esquina, conforme disposto no quadro que se segue.

Quadro 1: Atributos para a definição de padrões tipológicos das esquinas

Critérios de definição da tipologia		
Fachada	<ul style="list-style-type: none"> • Uso do solo • Número de pavimentos • Acesso de esquina 	<ul style="list-style-type: none"> • Tipo de vedação (muro, gradil, vidro) • Recuo (sem ou com)
Passeio	<ul style="list-style-type: none"> • Pavimentação • Rampa • Escada • Sinalização vertical • Quadro de luz 	<ul style="list-style-type: none"> • Jardineira/vegetação/arborização • Fradinho • Lixeira • Postejamento • Estacionamento
Via	<ul style="list-style-type: none"> • Faixa de pedestre • Semáforo 	<ul style="list-style-type: none"> • Faixa de ônibus • Ciclovia/ ciclofaixa

Fonte: Quadro elaborado pelos autores.

A partir da definição desses elementos, criou-se uma matriz de análise contendo as seguintes informações: (a) Nome do cruzamento em que a esquina se encontra; (b) Número que identifica a esquina, de acordo com o mapa de uso e ocupação; (c) Indicação do elemento analisado (fachada, passeio e via); (d) Itens de análise, isto é, aspectos a serem observados em cada esquina. Para cada desses itens criou-se uma sigla a fim de codificar os padrões. A área destacada em azul no quadro indica a presença de um item na esquina em estudo. Ao final da classificação, a matriz fornece a quantidade de esquinas que possuem uma agregação de atributos semelhantes (quadro 2).

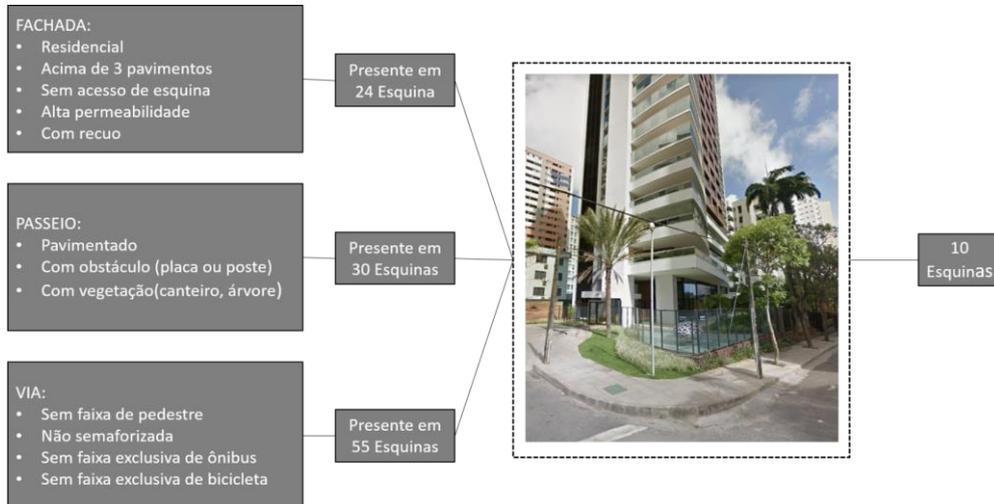
Quadro 2: Matriz analítica dos padrões tipológicos de esquinas

		Abolição x Desembargador M.	
		Esquina 1	Nome do cruzamento
Elemento analisado	Fachada		Nº da esquina
	Guarita		
Itens de análise	Residencial		Itens existentes na esquina em análise
	Comercial	c	
	Misto		
	Institucional		
	Lazer		
	Térrea		
	2 pav.	2p	
	3 pav.		
	>3 pav.		
	Com acesso/entrada	c/a	
	Sem acesso/entrada		
	Sem muro	s/m	
	Muro baixo		
	Muro alto		
	Muro c/ gradil		
Gradil			
Vidro			
Com recuo			
Sem recuo	s/r		
Vazio/Não construído			
			Sigla para computação do padrão

Fonte: Quadro elaborado pelos autores.

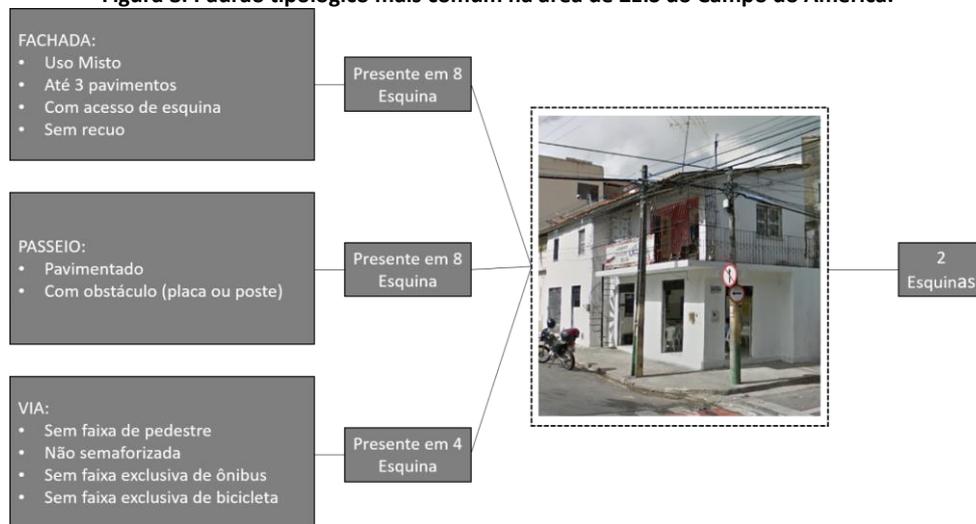
Na análise da área tradicional do bairro, atentamos que o padrão tipológico mais comum de esquina é configurado por fachadas de torres residenciais recuadas em relação à calçada, com mais de três pavimentos, com gradis que dão continuidade visual entre o ambiente interno e externo, mas sem acesso de esquina. Os passeios são todos pavimentados e portadores de mobiliário de sinalização e posteamento; a maior parte deles possui algum tipo de vegetação (canteiros, jardins ou árvores), mas não possuem rampas. Todas as vias possuem pavimentação asfáltica e, em geral, não são dotadas de semáforos, faixas de pedestre, nem faixas exclusivas de transporte, como ciclovias ou faixa de ônibus (ver figura 7).

Figura 7: Padrão tipológico mais comum na área nobre do Meireles.



Fonte: Elaboração dos autores.

Figura 8: Padrão tipológico mais comum na área de ZEIS do Campo do América.



Fonte: Elaboração dos autores.

A análise das esquinas situadas na área de ZEIS do Campo do América mostra um padrão tipológico distinto que se caracteriza sobretudo pelas condições de uso e ocupação do solo. As fachadas mais comuns são de edificações de uso misto (habitação e comércio), sem recuo em relação ao passeio, com até três pavimentos e com acessos de esquina. Os passeios são em maioria pavimentados, estreitos, sem vegetação e, em geral, o mobiliário existente gera obstáculos para a circulação de pedestres. Por fim, o sistema de vias se assemelha ao que ocorre no restante do bairro, sem faixas de pedestre, sem semáforos e sem faixas exclusivas de transportes (ver figura 8).

NOTAS CONCLUSIVAS

Certamente que o estudo mais aprofundado das esquinas urbanas exige considerar inúmeros outros aspectos relacionados às relações socioespaciais. Todavia, a análise preliminar aqui apresentada tem como mérito reconhecer os elementos componentes do seu ambiente, buscando compreender em que medida as esquinas variam a partir do cenário no qual elas estão inseridas. A partir dos resultados da amostra⁶ analisada, constatou-se que, no limite, cada esquina é única, embora presente, no conjunto da rede, aspectos morfológicos que podem ser traduzidos em padrões tipológicos. Assim, foi possível constatar o forte contraste entre as esquinas construídas em áreas socioeconômicas distintas, mesmo que situadas em um mesmo bairro. Esses contrastes ocorrem, sobretudo, no que concerne ao uso do solo, ao desenho das fachadas, à condição dos passeios, à qualidade do mobiliário.

Os passeios da ZEIS são mais áridos, estreitos, com pavimentação simples e quase sempre precários. Eles refletem uma situação de precariedade, que se torna mais visível no cruzamento entre as duas áreas, revelando uma oposição que expressa e traduz as diferenças sociais intraurbanas. Paralelamente, as imponentes fachadas das grandes torres do Meireles com seus gradis e vidraças que, mesmo gerando eixos visuais, ampliam a indiferença entre o construído e o entorno imediato. Enquanto isso, as esquinas da ZEIS são marcadas pela multiplicidade de usos, fachadas sem muros, com mais aberturas e acessos, tornando-se, assim, mais ativas, permeáveis e, provavelmente, mais ricas para as trocas sociais no espaço público.

De todo modo, a presença de obstáculos à fluidez dos pedestres apresenta-se como ponto comum às duas áreas. A ausência de tratamento homogêneo dos pisos e de rampas aliada à caótica disposição de mobiliário de sinalização e à vegetação precária, revelam o descaso do poder público em qualificar os ambientes de esquina. Revela também a sua impotência em relação aos desmandos dos interesses individuais (dos proprietários dos terrenos de esquina). Por meio dessa análise, mais empírica em menos quantitativa, foi possível observar a importância da esquina para o fomento da vida cívica e das relações sociais. Elas são pontos cruciais para a interligação de fluxos e conexões da cidade. As esquinas constituem um potente elemento para a sustentabilidade urbana, na medida em que atraem as pessoas para o espaço público, melhoram a caminhabilidade e favorecem a qualidade de vida e ambiental, pois afinal, se trata de um conjunto de múltiplos pequenos espaços de estar e lazer (GEHL, 2015, SPECK, 2016).

⁶ Dentre todas as 112 esquinas estudadas, 68 podem ser classificadas como sendo de características únicas, isto é, apresentam uma grande variação no arranjo dos atributos. No entanto, foram identificados quatro tipos de esquinas com os mesmos atributos de fachada, via e passeio (o maior composto por dez e o menor por duas esquinas).

Para finalizar, cabe ressaltar que o presente estudo sinaliza a possibilidade de se criar um acervo significativo de dados sobre as esquinas de uma cidade que auxilie no planejamento de políticas e projetos urbanos em diversos contextos. Compreendendo seus padrões tipológicos é possível inferir melhorias em relação à mobilidade e acessibilidade, segurança pública e inclusão social. Da mesma forma é possível melhorar a qualidade da esfera pública nas áreas mais pobres e periféricas, auxiliando na criação de planos de mobilidade e acessibilidade, estudos de conforto ambiental, da relação entre o ambiente externo e interno, as sensações de bem-estar nas ruas e etc.

As tendências de segregação urbana que se observam na cidade contemporânea, que cria territórios temáticos para a autonomia do mercado residencial (separação entre ricos e pobres), devem ser compensados com o auxílio da ampliação da rede de esquinas apoiando a interação livre e contraditória de pessoas e interesses. A ideia de esquina é uma ideia universal. Em todas as culturas, as cidades que foram fundadas sob o princípio de uma rede de esquinas. Elas são sustentáculo da urbanidade - diversidade cultural - não é uma questão de aglomeração ou dispersão. É uma questão de interdependência. Uma questão da densidade de encruzilhadas, de mais e mais esquinas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Henri. Discursos da sustentabilidade urbana. In: **R. B. Estudos Urbanos e Regionais**, nº1, maio 1999, p.79-90.

ALEXANDER, Christopher; ISHIKAWA, Sara; SILVERSTEIN, Murray; JACOBSON, Max; FIKSDAHL-KING, Ingrid; ANGEL, Shlomo. **Uma Linguagem de Padrões. A Pattern Language**. Porto Alegre, Bookman, 2013.

AMORIM, Flávia Pereira; TANGARI, Vera. Estudo tipológico sobre a forma urbana: conceitos e aplicações. In: **Paisagem Ambiente: ensaios - n. 22 - São Paulo - p. 61-73, 2006.**

ASCHER, François. **Os novos princípios do urbanismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

CARERI, Francesco; BONALDO, Frederico. **Walkscapes: O caminhar como prática estética**. Barcelona: Gustavo Gili, 2013.

CASTRO, José Liberal de. Contribuição de Adolfo Herbster à forma urbana de Fortaleza. In: **Revista do Instituto do Ceará**, anno CVIII, 1994, p46-90.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 1983.

FARIAS, José Almir. Leituras Morfológicas do Centro de Fortaleza. Alguns planos e um punhado de ilusões. In **Anais do I Seminário Internacional Urbicentros**, João Pessoa-PB, maio 2010.

FERNÁNDEZ, J. E. **Urban Metabolism**. Ver em <http://www.urbanmetabolism.org/>. 2014. Acesso em 05/05/2019.

FERRAZ, Ana Lúcia Camargo; MENDONÇA, João Martinho de (Orgs.). **Antropologia visual: perspectivas de ensino e pesquisa**. Brasília- DF: ABA, 2014.

GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. 3ª edição. São Paulo: Editora WMF / Martins Fontes, 2014.

KARSENBERG, Hans; LAVEN, Jeroen. A cidade ao nível dos olhos: Estratégia do plinth. In: KARSENBERG, Hans et al (Ed.). **A cidade ao nível dos olhos: Lições para os plinths**. Porto Alegre: Edipucrs, 2015, cap. 1. P 14-25. Disponível em: https://issuu.com/stipoteam/docs/a_cidade_ao_nivel_dos_olhos. Acesso em: 23 set. 2016.

LAMAS, José M. R. G. **Morfologia urbana e o desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1992.

LÖWY, Michael. A teoria do desenvolvimento desigual e combinado. IN: **Actuel Marx**, 18, out. 1995, p-73-80.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 3ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MARZOT, N. The study of urban form in Italy. IN: **Urban Morphology**, 6, 2002, pp 59–73.

MASCARÓ, L., & MASCARÓ, J. J. (2009). **Ambiência Urbana - Urban Environment**. Porto Alegre, Masquatro, 2009. Obtido de <http://www.vitruvius.com.br/pesquisa/bookshelf/book/100>

OSMOND, Paul. The urban structural unit: Towards a descriptive framework to support urban analysis and planning. IN: **Urban Morphology**, 14(1), 2010, pp. 5–20.

OSMOND, Paul. **Evaluating urban ambience-an investigation into quantifying the qualities of the walkable city**. Paper presented at Walk21-VI “Everyday Walking Culture”, The 6th International Conference on Walking in the 21st Century, September 22-23, 2005, Zurich, Switzerland.

ROSSI, Aldo. **Arquitetura da cidade**. São Paulo, Martins Fontes: 1995.

SOLÀ-MORALES, Manuel de. Cities and Urban Corners. In: **Forum Barcelona**, 2004. Disponível em http://www.publicacions.bcn.es/b_mm/abmm_forum/131-134ang.pdf. Acesso em 15/04/2019.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Schwarcz, 2001.

SPECK, Jeff. **Cidade caminhável**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

WHITE, William Foote. **Sociedade da esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

*